



*Um percurso: o caso “por qué no te callas?”*

SÍRIO POSSENTI

Universidade Estadual de Campinas

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

RESUMEN. Este trabajo presenta algunos conceptos propuestos por Maingueneau (2006), con especial énfasis en el de *trayecto*, y analiza el acontecimiento: *¿por qué no te callas?*, especialmente en lo que se refiere a su circulación e interpretación. En cuanto al segundo aspecto, se destacan dos hechos: qué fue apropiado no sólo por parte de los seguidores del mismo punto de vista (*¿posicionamiento?*) a partir del cual fue originalmente proferido, sino también por parte de sus adversarios; y qué fue enunciado, también libre de connotaciones políticas, para intentar callar a quien habla demasiado o fuera de contexto.

PALABRAS CLAVE: *formación discursiva, posicionamiento, trayecto, ¿por qué no te callas?*

RESUMO. Este trabalho apresenta alguns conceitos propostos por Maingueneau (2006), com ênfase no de *percurso*, e analisa o acontecimento *por qué no te callas?*, especialmente no que se refere a sua circulação e interpretação. Quanto ao segundo aspecto, destacam-se dois fatos: que foi apropriado tanto por seguidores do mesmo ponto de vista (*posicionamento?*) a partir do qual foi originalmente proferido, mas também pelos seus adversários; e que foi enunciado também sem conotações políticas, para tentar calar quem fala demais ou fora de contexto.

PALAVRAS-CHAVE: *formação discursiva, posicionamento, percurso, por qué no tecallas?*

ABSTRACT. This article presents some concepts proposed by Maingueneau (2006), with emphasis on that of the *course*, and analyzes the event *why don't you shut up?* especially that which refers to its circulation and interpretation. As to the second aspect, two facts stand out: that which was appropriate for both followers of the same point of view (*positioning?*), starting from that which was originally proffered, and their adversaries; and that which was uttered also without political connotations to attempt to quiet one who speaks too much or out of context.

KEY WORDS: *discursive formation; positioning; course; why don't you shup up?*

*Eu sou o último dos grandes presidentes; depois virão apenas os financistas e os contadores* (François Mitterrand, interpretado por Michael Bouquet, no filme “O último Mitterrand”)

*Não peçam aos pobres do mundo para comer menos* (Presidente Lula)

## *Introdução*

O pano de fundo deste trabalho, que permanecerá praticamente implícito, é o discurso do “fim da política”, que se segue, de certa forma, ao discurso do fim da história, ao do fim das ideologias, das utopias, ao do fim da oposição esquerda *vs* direita etc. Para este trabalho, vou resumir grosseiramente a questão nos seguintes termos: não haveria mais espaço para arroubos ideológicos ou populistas, chegou o tempo das gerências governamentais competentes e “realistas” (da conversão da política ao pragmatismo). Dito de outra forma, o espaço de manobra dos governantes ficou muito reduzido, dado que todos devem submeter-se a um receituário macroeconômico em grande medida consensual (não haveria uma macroeconomia de esquerda ou de direita). O verdadeiro debate é sobre déficit público, superávit primário etc. Uma outra forma de apresentar sumariamente a questão é opor, em política, razão e emoção: os antigos, quicá ultrapassados, apelariam para a emoção (do seu eleitor...), enquanto que o novo político, mais adequado, seria racional (ver Miqueletti, 2008<sup>1</sup>).

Os objetivos deste trabalho são dois: (a) em primeiro lugar, dar alguma publicidade a um trabalho de Maingueneau (2006), que inclui uma discussão sobre a noção de Formação Discursiva (FD, doravante), mas, especialmente, uma indicação relacionada a um tipo especial de unidade à disposição do analista de discurso, a de percurso, que me parece dar conta de um conjunto relevante e interessante de dados, ao mesmo tempo que permite a exploração - ou a re-exploração - de conceitos em voga, inclusive o de FD; (b) em segundo lugar, tentar dar conta de um dado (um caso de percurso, talvez não típico) que, quando surgiu, me pareceu fadado ao “sucesso”, o que de fato não se concretizou totalmente, porque sua circulação durou um tempo menor do que eu imaginava. A explicação desse fato histórico - o quase desaparecimento do enunciado - não deixa de ter interesse, no entanto, já que condições de produção devem explicar tanto o surgimento quanto a duração ou desaparecimento de certo discurso. Uma das hipóteses que podem explicar a pouca duração do acontecimento é que a mídia logo se ocupou de outros - ou seja, o fato foi logo submergido por novos fatos, e perdeu o interesse.

O trabalho será dividido em duas partes. A primeira é uma exposição sumária do conceito de percurso. A segunda, uma rápida análise de um acontecimento discursivo específico.

## *O conceito*

Maingueneau (2006) discute e redefine tipos de unidades que interessam à Análise do Discurso (doravante, AD), algumas das quais estão ligadas a fronteiras mais ou menos institucionais, enquanto que outras, não. O autor rediscute a noção de FD, que, na história da AD, como se sabe, foi um conceito fundamental. Expõe o que lhe parece ser uma fratura fundamental desse conceito, tanto na definição de Foucault quanto na de Pêcheux. Longe de considerar que tal fratura é um problema conceitual (conceitos desse tipo deveriam ser absolutamente claros e indiscutíveis), considera que decorre da própria natureza dos discursos, que são ao mesmo tempo ordenados, uns mais que outros, e funcionam fora das fronteiras ou nos limites das fronteiras, isto é, das suas fronteiras históricas. A própria noção de interdiscurso, de fato, põe em questão a unicidade de uma FD, já que seus limites são tipicamente flutuantes, segundo as diferentes conjunturas.

Embora a noção de FD tenha funcionado como se se tratasse de um conceito muito bem definido, vêm de longe as evidências de que havia consciência de que sua caracterização não era fácil. Dentre as várias manifestações dos teóricos da AD sobre a questão, uma das mais instigantes está em Pêcheux e Fuchs (1975). Após indicarem sumariamente o papel das formações religiosas na Idade Média e de darem indicações sobre o retorno de alguns de seus ingredientes em formações ideológicas burguesas, assinalam a dificuldade de

caracterizar as fronteiras reais dos objetos reais que correspondem aos conceitos introduzidos. Esta dificuldade... resulta da contradição existente entre a natureza destes conceitos e o uso espontaneamente imobilista e classificatório (...) sob a forma de questões aparentemente inevitáveis do tipo: ‘quantas formações ideológicas existem numa formação social? Quantas formações discursivas pode conter cada uma delas?’. (...) uma *discretização* de tal ordem é radicalmente impossível...” (Peuchex e Fuchs, 1975: 168).

Maingueneau (2006) assinala que, em ambas as definições “fundadoras”, a noção de FD sofre de uma fratura. Em Foucault, essa fratura decorre de sua dupla face: por um lado, a dispersão, por outro, sua regularidade. Em Pêcheux, da invocação de sua característica fundamental (a FD define o que pode e deve ser dito) e de suas formas de concretização e de circulação (a menção, entre parênteses, de diversos gêneros).

Além disso, segundo Maingueneau, a noção foi de certa forma diluída, ou seja, ela acabou por designar, em trabalhos diferentes, diferentes objetos (poder-se-ia estudar o percurso da expressão “análise do discurso”...). Do ponto de vista de Maingueneau, além disso, ela efetivamente não dá conta de todas as unidades que podem interessar à AD.

O autor propõe, para o que aqui interessa, que unidades como “discurso comunista”, “discurso socialista” etc. que, para a tradição da AD, eram obvia-

mente formações discursivas, sejam consideradas “posicionamentos”. Posicionamento é definido como *uma unidade tópica, um tipo de discurso que se caracteriza por corresponder “a espaços já ‘pré-delineados’ pelas práticas verbais” (p. 14), seja pela relação com um aparelho institucional, seja com uma luta ideológica, ou com ambos. Reserva a denominação “formação discursiva” para unidades cujo corpus pode conter um conjunto aberto de tipos e gêneros de discurso, de campos e de aparelhos, de registros (p. 16), e que podem ser “unifocais” (por exemplo, o discurso racista) ou plurifocais (por exemplo, a concepção de “indígena” nas viagens de Júlio Verne e nos manuais didáticos franceses).*

Finalmente, Maingueneau propõe novo conceito, nova unidade.

Pratica-se também em análise do discurso o estabelecimento em rede de unidades de diversas ordens (lexicais, proposicionais, fragmentos de textos) extraídos do interdiscurso, sem procurar construir espaços de coerência, construir totalidades. O pesquisador pretende, ao contrário, desestruturar as unidades instituídas definindo *percursos* não esperados: a interpretação apóia-se, assim, na atualização de relações insuspeitas no interior do interdiscurso (Maingueneau, 2006: 21).

Acrescenta que esse tipo de pesquisa é atualmente muito facilitado pelos instrumentos de busca. Um exemplo é o trabalho sobre o sintagma “deputação étnica” de Krieg-Planque, que trata de explorar uma dispersão, uma circulação, e não de relacionar uma seqüência verbal a uma fonte enunciativa. Detalhando um pouco: não se trata de dizer que o enunciado não “pertença” a uma FD ou a um posicionamento. O que ocorre é que pode ser retomado em várias FDs ou em vários posicionamentos, estabelecendo a cada vez novas relações com os enunciados típicos dessas FDs ou desses posicionamentos, produzindo, portanto, efeitos de sentido específicos, conforme a rede discursiva ou interdiscursiva que se estabelece a cada enunciação. Maingueneau acrescenta que

Esses percursos suscitam reações ambivalentes. É, com efeito, muito sedutor atravessar múltiplas fronteiras, circular no interdiscurso para fazer aparecer relações invisíveis particularmente propícias às interpretações fortes. Mas o reverso da medalha é a dificuldade de justificar as escolhas operadas e, então, corre-se o risco (...) de delírio interpretativo, ou, mais simplesmente, o risco de encontrar na conclusão aquilo que se propôs no início. (Maingueneau, 2006: 21)

Para que se tenha uma idéia, até um pouco cômica, de como o conceito de percurso pode ser produtivo, transcrevo uma carta de leitor que fornece excelente exemplo de circulação de um enunciado em “campos” diversos. O jornal *Folha de S. Paulo*, que publicou a carta, deu-lhe como título “Goebbels”. A explicação é a seguinte: nos dias anteriores, um dos debates que freqüentaram a mídia foi a atribuição a Goebbels de “mentir, mentir, que sempre fica alguma coisa”. Diversos debates surgiram. Inclusive, discutiu-se a justeza da atribuição da frase a Goebbels, que só a teria repetido etc. Mas a questão não

é essa, e sim sua circulação, de que a carta abaixo é, ao mesmo tempo, um exemplo e, de certa forma, uma análise:

A propósito da discussão de quem inventou ‘mentir, mentir, que sempre fica alguma coisa’, atribuída a Joseph Goebbels, achei a idéia muito interessante. Continuei a folhear o jornal e vi que estava desatualizado e muitos já sabiam disso. ‘Agi de forma franca e transparente’, diz o prefeito pego tentando melhorar o desempenho do DataFolha. ‘Marta diz que não vai explorar ação contra Kassab’, sobre a lista dos candidatas com processos. ‘Eu apóio a lei. O que nós queremos é aprimorar a legislação’, do presidente do sindicato dos hotéis, restaurantes e bares querendo alterar a lei seca, que está diminuindo os acidentes. ‘Não penso em dinheiro’, diz Ronaldinho, após girar o mundo inteiro em eventos promocionais. Fiquei esperto e já dei um Goebbels na patroa. ‘Não, não fui eu que deixei a toalha molhada no chão!’ (Wallace Wells, *Folha de S. Paulo*, Painel do Leitor, 28.07.2008).

O enunciado que se dispersa por diversos discursos é a frase atribuída a Goebbels. Na carta, ela subjaz, por assim dizer, aos diversos exemplos que o missivista arrola, que são como que diferentes realizações do enunciado referido.

### *O acontecimento*

Seja o percurso do enunciado *Por que no te cállas?* Como se sabe, foi proferido pelo rei Juan Carlos, da Espanha, durante a Cúpula Ibero-Americana (7/11/2007), dirigido ao presidente Hugo Chávez, que cometia, digamos, dois erros protocolares: criticava duramente José Maria Aznar (ex-presidente do governo espanhol) e estava falando além do tempo destinado a cada locutor. Foi interrompido por Zapatero, que lhe disse, em resumo, que Aznar era seu adversário, mas que tinha sido eleito democraticamente e, portanto, exigia que Chávez o tratasse adequadamente. Chávez continuou falando, ambos se interrompiam, falavam ao mesmo tempo, até que Juan Carlos - que, pelo protocolo, não devia estar lá, diga-se de passagem -, intempestivamente, disse (seleciono de propósito esta forma neutra de verbo *dicendi*) a Chávez: *Por que no te cállas?*

Os jornais, como não podia deixar de ser, deram enorme destaque à cena, que também foi repetidamente exibida nas TVs. No *Youtube*, tornou-se imediatamente um enorme sucesso: em duas semanas, tinha sido vista 4.325.693 vezes, segundo informa um dos *posts* que se pode ler no mesmo espaço. Como exemplo da circulação imediata e variada, vale destacar que a frase foi baixada como *ringtone* em muitos telefones celulares mundo afora e que se fizeram camisetas com a inscrição, que foram sucesso de vendas, inclusive pela Internet.

Pelo menos três características fizeram a fortuna deste enunciado:

- a) suas condições de produção (tratava-se de uma cerimônia na qual falavam chefes de governo, segundo um protocolo que deveria ser rígido – que incluía falar pouco, e isso era circunstancial, e, obviamente, e isso nem era necessário explicitar, seriam seguidas as regras protocolares clássicas (linguagem mais ou menos diplomática etc.): ora, Chávez violou duas regras: a do tempo e a que manda não usar linguagem “de rua” para referir-se a adversários políticos, especialmente se dirigentes de outros países. Mais ou menos quebrando as mesmas regras, Juan Carlos dirigiu inesperadamente a pergunta (ou ordem?) a Chávez;
- b) o tom em que foi proferido e o ethos que ele implica. Seu tom se pretendia, digamos, autorizado, por um lado, e não admitindo outra saída que não calar-se: foi um tom peremptório. O fato de ter sido proferido fora do protocolo (a palavra não estava com Juan Carlos, que se arrogou o direito de dirigir-se a Chávez como se tivesse total autoridade para intervir e como se sua “ordem” fosse indiscutível), bem como o tom peremptório certamente conferiram enorme força ao enunciado. O fato de tratar-se da fala de um rei que tem prestígio entre os democratas, respaldava sua fala, de certa forma a autorizava. Mas, mais que isso, tal autoridade estava “marcada” no tom em que o enunciado foi proferido (no entanto, Chávez não se calou, ou ele não seria Chávez);
- c) Chávez é (era?) tanto o governante que a maior parte absoluta da mídia considera “retrógrado” (populista, gastador, mal-comportado, em suma, um “esquerdista”) quanto desagradável (não usa ternos, usa camisas vermelhas, viola o protocolo, faz pronunciamentos demasiadamente longos). Em suma, seria um fanfarrão, como é freqüentemente caracterizado, e, além disso, para usar uma expressão popular, um “chato”.

O tom freqüentemente agressivo dos pronunciamentos de Chávez também é compatível com suas posições políticas – é um governante “fora do lugar”, que não se confunde com os outros nem pelo que diz e faz, nem por seu ethos e conseqüente corporalidade. Estas características serão decisivas para explicar determinados tipos de circulação do enunciado que lhe foi dirigido por Juan Carlos.

Uma pesquisa, mesmo que não exaustiva, no *Google* permite ver que a frase foi logo apropriada por muita gente, e por gente de todos os tipos (de posicionamentos diversos) e também para ocasiões diversas. Entre os exemplos de retomada por políticos contam-se pelo menos os seguintes casos: Alan Garcia a dirigiu a Evo Morales (trata-se de um caso de “captação”, ou seja, em que o enunciadador retoma o enunciado a partir do mesmo posicionamento em que foi proferido originalmente e o dirige a um interlocutor identificável

com o interlocutor a qual se dirigiu Juan Carlos); Chávez a dirigiu a Angela Merkel (trata-se agora de um caso de “subversão”, já que Chávez não ocupa o mesmo posicionamento a partir do qual o enunciado foi proferido originalmente - o que é mais do que óbvio, já que agora quem o profere é exatamente aquele a quem foi dirigido - e Merkel pertence ao mesmo espectro político a partir do qual falava Juan Carlos<sup>2</sup>).

Além disso, leitores e blogueiros independentes a dirigiram ora a Lula, ora a Fernando Henrique, segundo as circunstâncias ou seguindo-se a determinados pronunciamentos desses políticos. Um movimento separatista das Ilhas Canárias (“pertencentes” à Espanha) dirigiu o enunciado ao próprio rei Juan Carlos, levemente alterado: *Porque no te cállas, Juan Carlos?*

Em carta ao jornal *Folha de S. Paulo* duas semanas após o acontecimento, um leitor informou que houvera na Espanha uma manifestação em memória de Franco, “ditador filo-fascista”. Seguiu-se a pergunta: “O rei Juan Carlos não mandou os manifestantes calarem a boca?”. A carta se seguia a um título: *Por qué no te callas?*, mas poderia ser interpretada como significando “*por qué te cállas (ahora)?*” (este também é um caso de subversão).

Mas a fortuna do enunciado ultrapassou o campo político. Os humoristas que fazem o programa *Casseta e Planeta*, por exemplo, uma ou duas semanas após o acontecimento, apresentaram um quadro no qual a frase era dita a chatos diversos (um dos Cassetas abria inesperadamente o porta-malas de um carro estacionado perto de pessoas que faziam ou diziam algo “chato” (tentavam vender objetos na praia, p. ex.) e lhe dirigia a frase “*Por que no te cállas?*”. Outra ocorrência, *Por que no te cállas, Jabor?*, pode ser interpretada como um enunciado relacionado a posicionamentos políticos, já que política (economia etc.) é tema constante do colunista, mas não se deve descartar que também si dirija ao Jabor “chato”: é uma tentativa de calar pessoas impertinentes, que falam demais, como seria o caso de Jabor. Estes dois últimos casos se explicam mais pela consideração do enunciado como um cala-boca dirigido a um impertinente do que pelas correlações políticas a que possa ser associado.

Uma breve análise de alguns aspectos relacionados ao “percurso” desse enunciado permite algumas conclusões.

- a) a absoluta maior parte das intervenções “interpreta” o enunciado não como pergunta (o que o enunciado é, considerado locucionalmente), mas como uma ordem (o rei mandou<sup>3</sup> Chávez...);
- b) o enunciado pôde ser apropriado por diversos posicionamentos políticos (ou seja, não é um desses enunciados que caracterizam um movimento, como *Operários de todo o mundo, uni-vos* ou *Socialismo o muerte*). Mas foi apropriado mais freqüentemente por enunciadores que concordaram com o rei, o que vale dizer que discordaram de Chávez;

- c) o enunciado saiu do campo político e espalhou-se para situações nas quais alguém estaria sendo impertinente, chato, falando demais ou falando o que não deveria (vender bugigangas na praia, fazer barulho após as 22 horas, falar fora de hora numa reunião de departamento);
- d) a maioria absoluta das manifestações foi de simpatia pelo Rei, que teria posto Chávez em seu lugar. Bem ou mal, independentemente de posições políticas (se é que isso é possível), fica difícil dizer que não se trata de uma entre as milhares de manifestações contra a política no sentido tradicional (pode-se perguntar se Chávez seria chamado à ordem se estivesse defendendo maior rigor nos gastos públicos...). A quantidade de manifestações se deve, provavelmente, à imagem que a mídia construiu de Chávez, que decorre, ao mesmo tempo, de seus longos pronunciamentos (tanto em número quanto em duração), dos seus temas e de seu tom.
- e) o rápido desaparecimento da frase. É bem possível que isso se deva aos tempos modernos (ou pós-modernos), especialmente a uma de suas características mais evidentes: a sucessão rápida de acontecimentos (sejam escândalos, sejam grandes feitos, seja no campo da política, da polícia, dos esportes). De fato, nenhum acontecimento dá manchete por muito tempo.

O que é mais evidente nessas breves análises é que o enunciado é recebido e posto a circular novamente de uma forma ou de outra segundo o posicionamento dos que o ouviram. Os que desaprovam Chávez o dirigiram a interlocutores que teriam o mesmo posicionamento dele – Lula, Evo Morales etc. Os que apóiam Chávez – ou não apóiam seus adversários – o dirigiram exatamente a esses adversários – a FHC, ao próprio Juan Carlos (até Chávez o dirigiu a Angela Merkel).

Talvez o fato seja uma evidência a mais a justificar a avaliação final de Maingueneau (2006) sobre os discursos. Por um lado, fazer AD implica tentar organizar os corpora no interior de fronteiras, o que é uma forma de dar conta de sua “institucionalização”. Por outro, restringir as análises a tais casos (ou forçar os corpora a caberem em quadros institucionais) é desconhecer que os discursos se movem entre fronteiras, ou que nem sempre cabem em seu interior. Ou seja, que a AD é uma disciplina “cindida por uma fissura constitutiva” (Maingueneau, 2006: 23), pois

o sentido é fronteira e subversão de fronteira, negociação entre pontos de estabilização da fala e forças que excedem toda localidade. Situação eminentemente desconfortável, porque vemos assim se justapõem, isto é, se imbricarem, muitas vezes, na mesma pesquisa, dois modos de abordagem heterônomos (Maingueneau, 2006: 24).



## NOTAS

- 1 Em sua tese de doutoramento, Miqueletti (2008) está se dedicando a, entre outras coisas, organizar um vasto corpus sobre “o fim da política”, com vistas, entre outras coisas, a discutir a questão das unidades de análise da AD.
- 2 Para as noções de captação e de subversão, ver Grésillion e Maingueneau (1984).
- 3 No final de julho de 2008, Chávez e Juan Carlos tiveram um encontro amistoso. Os jornais, evidentemente, rememoraram o episódio aqui comentado. Os noticiosos das TVs recolocaram no ar o acontecimento e, de novo, o interpretaram como “Juan Carlos mandou Chávez calar a boca”!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MAINGUENEAU, D. & GRÉSILLON, A. (1984). ‘Polyphonie, proverbe et détournement’, *Langages*, 73: 112-125. Paris: Didier-Larousse.
- MAINGUENEAU, D. (2006). ‘Unidades tópicas e não-tópicas’, in: D. Maingueneau, *Cenas da enunciação*, pp.9-24. Curitiba: Criar Edições.
- MIQUELETTI, F. (2008). ‘A emoção nos discursos contemporâneos sobre política’, Comunicação apresentada no *56º Seminário do Gel*.
- PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. ([1975]1990). ‘A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas’, in: F. Gadet & T. Hak (orgs) *Por uma análise automática do discurso; uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, pp. 163-252. Campinas: Editora da Unicamp.

SÍRIO POSSENTI graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1969), fez mestrado em Lingüística na Universidade Estadual de Campinas (1977) e doutorado em Lingüística também na Universidade Estadual de Campinas (1986). Atualmente, é professor livre-docente (associado) no departamento de Lingüística da Universidade Estadual de Campinas. É pesquisador IB do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Tem experiência na área de Lingüística, com ênfase em Teoria e Análise Lingüística, atuando principalmente na sub-área Análise do Discurso, em especial nos campos do humor e da mídia.

Correo electrónico: siriop@terra.com.br